

# INQUIETANTE ESTRANHEZA E O NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS<sup>1</sup>

*Joel Birman\**

## RESUMO

A intenção deste texto é a de destacar a grande atualidade do texto de Freud sobre a inquietante estranheza, assim como de estabelecer as relações desse texto com o outro conceito de Freud sobre o “Narcisismo das pequenas diferenças”. Trata-se de colocar em evidência como esses dois eixos conceituais se articulam pela compreensão das dinâmicas psíquicas e sociais que atravessam a subjetividade moderna – notadamente nas suas expressões de conflitos, de guerra e de política.

Palavras-chave: Inquietante, guerra, política.

## INQUIETANTE ÉTRANGETÉ ET NARCISISME DES PETITES DIFFÉRENCES

## RÉSUMÉ

*L'intention de ce texte est de souligner l'extraordinaire actualité de l'essai de Freud sur l'inquietante étrangeté, ainsi que d'établir les relations de ce texte avec celui de Freud sur le narcissisme des petites différences. Il s'agit de mettre en évidence comment ces deux axes conceptuels s'articulent dans la compréhension des dynamiques psychiques et sociales qui traversent la subjectivité moderne — notamment dans leurs expressions du conflit, de la guerre et du politique.*

*Mots-clés: Inquietante étrangeté, guerre, politique.*

---

\* Professor Titular/pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 1991), onde leciona e é pesquisador no Programa de Mestrado e Doutorado em Teoria Psicanalítica. Professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS-UERJ) desde 1986, atuando no Mestrado e Doutorado em Saúde Coletiva. Professor convidado, Université de Poitiers, Máster Recherche, e Pesquisador associado e professor do Laboratório Psicanálise e Medicina, da Universidade Paris VII, assim como professor Université Paris VII (durante vários anos. Diretor de Estudos em Letras e Ciências Humanas da Université Paris VII. Pesquisador IA do CNPq.

## UNHEIMLICH

### ABSTRACT

*The aim of this text is to highlight the remarkable relevance of Freud's essay on The Uncanny, as well as to establish its connections with Freud's text on the narcissism of minor differences. The purpose is to show how these two conceptual axes are intertwined in the understanding of the psychic and social dynamics that shape modern subjectivity — particularly in their expressions of conflict, war, and politics.*

*Keywords: uncanny; war; politics.*

### I. PREÂMBULO

A intenção e a perspectiva fundamental deste ensaio é a de problematizar, de forma ao mesmo tempo esquemática e condensada, as relações e as coordenadas fundamentais existentes entre dois problemas cruciais do discurso freudiano, a saber, a inquietante estranheza e o narcisismo das pequenas diferenças. Como se sabe, essas questões foram enunciadas e publicadas por Freud (1919, 1921) como ensaios independentes, respectivamente, e, portanto, em diferentes contextos teóricos e discursivos de seu percurso na psicanálise.

Com efeito, o texto sobre o problema do narcisismo das pequenas diferenças foi inserido como conceito no ensaio mais abrangente intitulado “Psicologia das massas e análise do eu” (Freud, 1908/1985), enquanto o texto “A inquietante estranheza” (Freud, 1919/1985) foi publicado como ensaio independente.

No entanto, o ensaio sobre a psicologia das massas problematizou uma questão de ordem eminentemente social e política, em uma perspectiva especificamente psicanalítica, sendo assim um dos textos ditos sociais e culturais de Freud entre muitos outros. O segundo ensaio, em contrapartida, é um artigo que se pretendia ser de um registro muito diferente, a saber, a estética psicanalítica.

Portanto, são dois ensaios que problematizam em princípio dois campos temáticos diversos e diferentes, mas publicados, contudo, em tempos históricos bem próximos, em que se podem depreender articulações cruciais destas duas questões díspares no registro teórico da

metapsicologia psicanalítica. Enfim, esta é, pelo menos, a hipótese que se pretende sustentar neste artigo, como veremos ao longo deste texto.

## II. ATUALIDADE DAS PROBLEMÁTICAS EM PAUTA

Desde o início deste ensaio é preciso enfatizar que o problema da inquietante estranheza foi proposto como temática central para este colóquio, realizado no Museu Freud, como problema principal, devido à sua surpreendente e vertiginosa atualidade, tanto política quanto ética, na contemporaneidade. O mesmo se aplica efetivamente à problemática do narcisismo das pequenas diferenças, que foi aqui articulada por mim como proposição conceitual conexa, pois permite à primeira questão ser teoricamente interpretada de modo mais abrangente, consistente e também pertinente.

Seria, portanto, essa articulação conceitual, no contexto histórico e social da atualidade, que este ensaio pretende assim demonstrar.

Assim, para enunciar desde o início deste desenvolvimento o problema deste artigo, é preciso reconhecer que diante da dificuldade dos sujeitos contemporâneos em estabelecer laços sociais e vínculos de reconhecimento efetivo com o Outro — especialmente frente à diversidade e à diferença evidente nos registros do gênero, raça, etnia e religião —, a violência e o ódio disseminam-se assim de modo vertiginoso e perigoso no espaço social da atualidade, diante dos reconhecimentos identitários problemáticos naqueles registros que incidem no espaço social na atualidade.

Em consequência, o mal-estar na contemporaneidade, para retomar uma problemática fundamental do discurso freudiano ao longo de sua obra (Freud, 1910/1985; Freud, 1914/1985), foi incrementado de maneira abissal, se bem que tal incremento foi antecipado pelos cientistas sociais e a militância política dos movimentos sociais há muito tempo, pela promoção do abandono social e da violência entre setores significativos das populações em nível internacional. Com efeito, tudo isso seria inequivocamente o desdobramento crucial do não reconhecimento simbólico destes setores sociais e contingentes humanos específicos, que se inscrevem concretamente no campo das representações sociais no registro efetivo das invisibilidades e do cancelamento, de forma efetivamente eloquente e ostensiva.

Vivemos hoje uma guerra total, ampla, geral e irrestrita entre gêneros, entre o masculino e o feminino, entre heteronormativos e sujeitos do campo LGBTQIA+, entre as mulheres que recusam ser reduzidas à mera condição de esposa e da maternidade, e a ordem patriarcal que tenta reinscrevê-las nesse papel. Além disso, essa guerra simbólica e real estende-se ainda à população negra, às etnias não europeias e aos sujeitos de crenças não cristãs, não protestantes, não muçulmanas, e não judaicas, em suma, aqueles que se inscrevem no exterior da estrita tradição monoteísta.

Assim, a guerra está certamente em toda parte de maneira inequívoca, e tudo o que é diverso e diferente tende a ser efetivamente eliminado pela violência real e simbólica — nos termos de Pierre Bourdieu (1979), tais distinções sociais deixam assim de ser reconhecidas (Freud, 1905/1987), o que conduz inequivocadamente à disseminação global do ódio e da violência, que envenenam os laços sociais na atualidade. Em consequência, o narcisismo das pequenas diferenças se enuncia assim como imperativo de forma insofismável.

Portanto, estamos vivendo hoje em um mundo caracterizado pela guerra civil difusa e permanente, que desconstrói até todos os laços sociais na atualidade (Freud, 1915/1968).

Daí a relevância de articular a problemática do narcisismo das pequenas diferenças à da inquietante estranheza, pois estamos imersos em um mundo que já não reconhece a diversidade e a diferença do Outro. Como disse poeticamente o compositor Caetano Veloso (2020): “Narciso só reconhece o que é espelho”.

Saber-se perfeitamente que Freud conceituou o problema do narcisismo das pequenas diferenças em uma reflexão profunda e trágica sobre os efeitos devastadores na sociedade europeia da Primeira Grande Guerra, nos quais os sujeitos não podiam mais conviver com a diversidade e a diferença do Outro no registro dos laços sociais, de forma a anular simbolicamente e no campo real a existência do Outro e mesmo, se possível e necessário, aniquilá-los mortíferamente como inimigos.

Com efeito, tal estado de coisa diagnosticado por Freud, de forma eloquente no início dos anos 20 do século XX, se desdobrou em seguida na disseminação no território europeu das ideologias totalitárias do nazismo e do fascismo, assim como na emergência sangrenta da Segunda Guerra Mundial (Freud, 1900/1976; 1919/1985).

Nesse cenário, assistimos consternados à expansão dos discursos da extrema-direita em todo o mundo — nos campos da política, da moral e dos costumes —, em um contexto que evoca perigosamente os anos 1930, quando o fascismo e o nazismo como dissemos acima emergiram e conduziram inequivocamente à sangrenta e devastadora Segunda Guerra Mundial.

Ínfima, é possível retomar assim efetiva e enfaticamente a tese freudiana da repetição histórica, formulada no seu ensaio tardio intitulado “O homem Moisés e a religião monoteísta” (Freud, 1938/1986).

Entretanto, é importante também salientar duas resultantes e desdobramentos cruciais de todas estas questões supradestacadas na atualidade, a saber, o identitarismo, por um lado, e a segregação, pelo outro.

Com efeito, se o identitarismo é a consequência inevitável dos sujeitos e dos segmentos sociais em afirmarem e positivarem as suas identidades em um mundo onde tais identidades não são reconhecidas e aceitas pelos grupos sociais dominantes, nos diferentes registros do gênero, da etnia, da raça e da religião, respectivamente, a segregação, em contrapartida, é o efeito promovido pelos segmentos sociais dominantes em isolar e cancelar tais positizações e afirmações identitárias na contemporaneidade.

### III. INTENSIDADE PULSIONAL E ESTÉTICA TRANSCENDENTAL

A “Inquietante estranheza” foi o único texto de Freud caracterizado efetivamente como pertencente à estética psicanalítica no sentido estrito do termo, conforme indicado de forma eloquente em seu subtítulo. Embora Freud tenha escrito, como se sabe, outros textos de teor eminentemente estético — tais como “Os poetas e o devaneio” (Freud, 1908/1985), o “Delíria e sonho em Gradiva de Jensen” (Freud, 1909/1985), “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci” (Freud, 1910/1985) e “O Moisés de Michelangelo” (Freud, 1914/1985) —, nenhum deles recebeu, em contrapartida, essa designação explícita de serem ensaios especificamente estéticos.

A pergunta que se impõe, assim de forma inequívoca, é a razão pela qual Freud denominou tal texto como sendo especificamente de estética psicanalítica e não os demais textos que publicou sobre isso.

A leitura proposta aqui é que o termo “estética”, nesse contexto, deriva da problemática da intensidade pulsional, que atravessa o ensaio

do início ao fim, de forma inequívoca, se valendo inclusive Freud da expressão intensidade.

Derivaria disso, assim, uma primeira conotação do termo estética neste ensaio, pois a estética se articularia inicialmente ao registro das intensidades. Com efeito, a pulsão sob a forma inicial de força pulsional (*Triebkraft*) seria a exigência de trabalho feita ao psíquico por sua relação ao corporal, como enunciou inicialmente no ensaio “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1962) e, posteriormente, no ensaio metapsicológico intitulado “As pulsões e seus destinos” (Freud, 1915/1968). Portanto, estética remete e condensa, assim, a outra intensidade, nordeada pela pulsão.

Além disso, Freud articulou o registro metapsicológico da intensidade pulsional com a *estética transcendental* de Kant, formulada na obra inicial da filosofia crítica intitulada *Crítica da razão pura* (Kant, 1971), ao tratar da sensibilidade *a priori* nos registros originários do espaço e do tempo, que antecederia lógica e historicamente os esquemas da imaginação. Nesse sentido, é preciso enfatizar que o discurso freudiano subverteu o registro sensorial da filosofia empirista anglo-saxônica, ao introduzir o conceito de uma *consciência perceptiva modulada* pela força pulsional, como já enunciara na sua obra intitulada *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1976, Capítulo VII).

Portanto, a pulsão seria aquilo que incidiria originariamente no registro da percepção-consciência, como uma exigência de trabalho, que transforma a “coisa” (*Ding*) em signo de percepção (*Wahrnehmungszeichen*).

Enfim, por essa dupla razão Freud articulou os registros da intensidade pulsional e da estética transcendental da filosofia crítica de Kant, para enunciar e designar assim o ensaio sobre a “Inquietante estranheza” como sendo efetivamente do campo da estética psicanalítica, de fato e de direito.

#### IV. FUNDAMENTOS LITERÁRIOS DE FREUD

Freud fundamenta sua reflexão teórica também nas tradições literárias do Romantismo e do Expressionismo alemães, respectivamente, constituídas no século XIX e no início do século XX, bem como da

tradição da literatura moderna da literatura de terror, referências estas que atravessam o texto da “A inquietante estranheza” de modo transversal e longitudinal. Com efeito, no seu ensaio Freud se vale insistentemente de fragmentos de citações e de referências literárias para enunciar a oposição fundamental que norteia o seu ensaio, qual seja, a oposição existente entre o que é familiar (*heimlich*) e o que é não-familiar (*unheimlich*).

Além disso, o método inicial de leitura de Freud neste ensaio sobre a “Inquietante estranheza” é a leitura filológica: parte do estudo etimológico das palavras em suas ocorrências e referências literárias, no qual Freud sustenta a importância da linguagem na leitura do inconsciente, como realizou também em outros contextos teóricos, assim como da importância crucial das referências e das metáforas literárias na psicanálise (Freud, 1923/1973).

Essa operação aproxima Freud tanto da tradição hermenêutica alemã quanto do trabalho literário sobre o símbolo — visível, por exemplo, em Goethe e E. T. A. Hoffmann. Não é por acaso que o conto “*Der Sandmann*”, de Hoffmann (1817/1990), ocupa lugar central em *A inquietante estranheza*: nele, o medo do duplo, do autômato e da cegueira condensam o que há de mais perturbador na relação entre o eu e sua imagem especular.

## V. SINTOMAS

Freud enunciou, portanto, de forma introdutória e insistente, como sintomas psicopatológicos principais da inquietante estranheza a despersonalização, a desrealização e o fenômeno do duplo, respectivamente, explorando-os, contudo, como manifestações psíquicas e signos que revelam a coexistência paradoxal e a conflitualidade fundamental existente entre os registros semânticos do familiar e do não-familiar (Freud, 1919/1985).

Logo, Freud percorreu tais signos psicopatológicos sem qualquer preocupação diagnóstica de ordem nosológica e patognômica, mas insistindo, assim, na dinâmica psíquica subjacente, de ordem tópica, econômica e dinâmica, em uma perspectiva teórica e clínica de ordem estritamente metapsicológica (Winnicott, 1958).

Além disso, o ensaio de Freud insiste também no registro da pulsão escópica, promovendo efeitos de estranheza entre os registros semânticos do familiar e do não-familiar. (Freud, 1968).

## VI. METAPSICOLOGIA

Sob uma perspectiva metapsicológica, a inquietante estranheza evidencia o paradigma freudiano tardio da angústia real, em contraposição à angústia-sinal, como foi formulado no ensaio “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/1973).

Esta oposição freudiana visava, assim, enfatizar a especificidade da angústia traumática na qual o sujeito não consegue se antecipar a algo terrível que lhe pega então de surpresa de corpo inteiro, de forma que o sujeito não pode se antecipar ao pior pela mobilização efetiva de defesas que lhe protegeriam de ser lançado no desamparo fundamental.

Esta concepção tardia do trauma no discurso freudiano foi problematizada inicialmente no ensaio intitulado “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/1972), em que Freud descreveu a emergência clínica das neuroses de guerra, caracterizadas pela compulsão de repetição, como novo paradigma teórico-clínico da psicanálise, que remeteria ao registro do além do princípio do prazer, que evidenciaria uma descontinuidade teórica fundamental do discurso freudiano norteado até então pelo primado do princípio do prazer.

Esta nova dimensão da angústia real enunciada por Freud foi retomada posteriormente por Lacan (1962-1963/1973, Seminário X), sobre “A angústia”, no qual a angústia é definida como o único afeto que não mente — pois seria o único sentimento que testemunha a verdade do sujeito frente aos impactos efetivos do real. Enfim, a angústia seria o único afeto efetivo a ser considerado em psicanálise, guia inequívoco nos registros teórico e clínico.

## VII. DO RECALQUE À CLIVAGEM

Se Freud aborda inicialmente a oposição existente entre os registros do familiar e do não-familiar pela via conceitual do recalque e da primeira tópica (Freud, 1900/1976), já se anuncia aqui indiretamente, no entanto, a problemática da segunda tópica (Freud, 1923/1973), e do novo dualismo pulsional entre a pulsão de vida e a pulsão de morte,

em que se destacam neste contexto teórico-clínico os mecanismos de clivagem, da recusa e da forclusão, respectivamente. (Freud, 1920/1972)

Com efeito, a inquietante estranheza seria na sua oscilação crucial entre o que é familiar e o não-familiar o efeito sobre o psiquismo da disjunção promovida pela pulsão de morte.

Esses novos conceitos foram desenvolvidos posteriormente por Lacan (1973), que delineou de maneira pertinente os modos pelos quais o sujeito se defende da irrupção do real e do encontro traumático com o Outro.

Lacan desenvolverá esses conceitos ao longo de seu ensino, mostrando que a clivagem não é apenas um mecanismo de defesa, mas o próprio modo de estruturação do sujeito no campo do Outro: uma divisão constitutiva, e não apenas patológica. Assim, o “estranho” não é exterior, mas íntimo; habita o sujeito como resto irreduzível de sua própria constituição (Winnicott, 1958).

### **VIII. A GUERRA COMO NOVO PARADIGMA DA POLÍTICA**

A destruição da relação simbólica entre o sujeito e o Outro autoriza, no campo social, a aniquilação do diverso e do diferente pelo sujeito — produto da lógica perversa do narcisismo das pequenas diferenças. Freud já diagnosticara esse fenômeno como desdobramento trágico da Primeira Guerra Mundial, que inaugurou a normalização da guerra civil no século XX, no ensaio intitulado “Psicologia das massas e sujeito — análise do eu” (Freud, 1921/1981).

Nesse contexto, a política assume a forma de uma guerra contínua — uma política pós-Clausewitz (1996), na qual, como indicam Freud (1915/1981), Walter Benjamin (1921/2000) e Carl Schmitt (1932/1992), a política seria agora a própria continuação da guerra por outros meios. Essa perspectiva constitui uma crítica radical ao ideal kantiano de “paz perpétua” (Kant, 1795/1990).

Na contemporaneidade, com a forclusão da diferença e da diversidade, a guerra civil permanente torna-se, infelizmente, o signo dominante do presente, em um mundo submetido ao imperativo da necropolítica, como foi formulado de forma devida e pertinente por Achille Mbembe (2016).

## REFERÊNCIAS

- Benjamin, W., (1921). *Critique de la violence*, in *Œuvres*, vol. I, Paris, Gallimard, 2000.
- Bourdieu, P., *La distinction : critique sociale du jugement*, Paris, Éditions de Minuit, 1979.
- Clausewitz, C.V. *Da Guerra*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- Foucault, M., *Il faut défendre la société*, Paris, Gallimard/Seuil, 1997.
- Freud, S. (1900). *L'interprétation des rêves*. Capítulo VII. Paris, PUF, 1976.
- Freud, S. (1905). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris, Gallimard, 1962.
- Freud, S., (1915). *Considérations actuelles sur la guerre et sur la mort*, in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981.
- Freud, S. (1915). “ Pulsions et destins des pulsions”. In *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1968.
- Freud, S. (1917). *Métapsychologie*, trad. J. Laplanche et J.-B. Pontalis, Paris, Gallimard, 1968.
- Freud, S., (1919). *L'inquiétante étrangeté et autres essais*, trad. M. Bonaparte e E. Marty, Paris, Gallimard, 1985.
- Freud, S. (1920). *Au-delà du principe de plaisir*, trad. J. Laplanche et J.-B. Pontalis, Paris, PUF, 1972.
- Freud, S. (1921). «Psychologie des foules et analyse du moi». In Freud, S. *Essais de psychanalyse*. Paris, Payot, 1981.
- Freud, S., (1921). *Psychologie des masses et analyse du moi*, trad. J. Laplanche, Paris, PUF, 1981.
- Freud, S., (1923). *Le moi et le ça*, trad. J. Laplanche et J.-B. Pontalis, Paris, PUF, 1973.
- Freud, S., (1926). *Inhibition, symptôme et angoisse*, trad. M. Bonaparte et E. Marty, Paris, PUF, 1985.
- Freud, S., (1930). *Le malaise dans la culture*, trad. D. Messier, Paris, PUF, 2010.
- Freud, S., (1933). *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*, trad. J. Laplanche, Paris, Gallimard, 1984.
- Freud, S., (1938). *L'homme Moïse et la religion monothéiste*, trad. A. Berman, Paris, Gallimard, 1986.

- Hoffmann, E.T.A., (1817). *Le marchand de sable*, trad. A. Matuszewski, Paris, José Corti, 1990.
- Kant, E. *Critique de la raison pure*. Paris, PUF, 1971.
- Kant, I., (1795). *Vers la paix perpétuelle*, trad. P. Archambault, Paris, Vrin, 1990.
- Lacan, J., (1953-1954). *Le Séminaire, Livre I: Les écrits techniques de Freud*, Paris, Seuil, 1975.
- Lacan, J., (1962-1963). *Le Séminaire, Livre X: L'angoisse*, Paris, Seuil, 2004.
- Lacan, J., *Le Séminaire, Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1973.
- Mbembe, A., *Néropolitique*, Paris, La Découverte, 2016.
- Schmitt, C., (1932). *La notion de politique*, trad. J.-L. Schlegel, Paris, Flammarion, 1992.
- Veloso, C., “Narciso em Férias”, In *Letra e música*, Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2020.
- Winnicott, D., *Fear of Breakdown*, in *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*, London, Hogarth Press, 1958.

## NOTAS

<sup>1</sup> Conferência realizada no Freud Museum, Londres, 28 de junho de 2025.

Recebido em: 06/11/2025

Revisado em: 10/11/2025

Aceito em: 18/12/2025